Sabor de memória

O relatório

Eduardo Burckhardt

Orientação
Aglair Bernardo
**Aperitivo**

Com certeza não vai ser fácil contar a história de como o *Sabor de Memória* chegou até suas mãos, cara banca. Com certeza vou esquecer um tanto de peripécias, leituras, encontros, desencontros, viagens, problemas, suor — muito suor —, realizações, sonhos, frustrações, aventuras, madrugadas, noites, dias, prata — logo saberão o porquê desse item —, metrópole — idem —, bem, e tudo mais que passou. Será que estou exagerando? Pode até ser. Mas é que agora, quando olho para aquelas capas de cortiça e folhas amareladas, é o que sinto. Foi uma aventura. Uma aventura inesquecível. Um passeio por sensações, por descobertas, por contradições, por saudade, por passado, presente e futuro. Um looping de vida. Um looping emocionante. Espero que seja assim para vocês também.

PS: Espero ser breve e não muito piegas. Mas, quanto ao segundo item, acho que vai bem difícil cumprir a promessa.
As entradas

(Não queria começar com um bordão, mais lá vai) Tudo começou no final do primeiro semestre de 98 (se bem que o fantasma do projeto final já ficava pululando minha cabeça muito antes), realmente não conseguia imaginar o que fazer no projeto. Essa dúvida surgiu, em parte, por causa da minha trajetória nada linear no curso (que bom que foi assim). Enveredei por diversos caminhos do jornalismo – parodiaando a mim mesmo: "Sempre teve a mania de escarrar Funcar tudo. Cada nova descoberta era acrescentada ao seu baú de qualidades, certamente útil dia ou outro. (texto enviado para a seleção do Curso Abril). Logo na segunda fase entrei para o Universidade Aberta no rádio. Ainda com o sotaque que dava vários erres a mais a algumas palavras, peguei o ritmo da notícia. Aos poucos o sotaque foi desaparecendo e minha vontade de fazer mais e mais jornalismo aumentando. Foram dois anos e meio. Todo dia. Correria para levar as disciplinas junto com o trabalho na rádio. Hoje, fazendo um retrospectiva (dessas que a gente faz quando acha que passou determinada etapa da vida). acreditava que deveria ter esperado um tempinho a mais para iniciar na prática. Sempre defendi a prática. Me vangloriava em estar estudando num curso que proporcionava isso logo nas primeiras fases. Foi bom? Sim. Mas também foi ruim. Poderia ter lido mais durante as tardes. Poderia ter pesquisado mais. Poderia ter chegado menos cansado à noite para não fazer tudo em cima da hora (Aliás, outra das minhas marcas). Bem... talvez não tivesse conseguido muita coisa que consegui, talvez...

Depois dei um pulinhos na TV. Universidade Aberta também. Decepçãozinha. De leve. Seis meses. Mais moleza que o rádio. Frustrações maiores. TV é farsa?

Em parte.


Ah! Quase esqueço de outra paixão. A fotografia. Descobri ela no curso e continuei enamorado. Fundei, com a Andrea e a Carol, o Clube da Foto. Experiência mais que produtiva. Pesquisamos, aprendemos, lutamos, brigamos por nossos ideais (nossa, que lugar comum!), derrubamos algumas barreiras no curso. Descobrimos tendências. Ensínamos. Eu e a Carol demos oficina de foto artística em diversos eventos (nacionais, regionais e outros menores), fizemos o varal fotográfico (tão pouco prestigiado pela maioria dos nossos professores, que pena), fizemos o jornalinho do clube, murais e a exposição. Ufa! Foi legal, muito legal (Desculpe, cara banca, mas sou obrigado a usar essas expressões tão pouco ortodoxas, opinião pessoal).
Citei as oficinas. Pois é. Além das de foto, também ministrei oficinas de fanzine. Entrei meio sem querer. Eles tinham visto um zine que eu fiz e no outro encontro regional eu já estava ensinando a fazer aquele que tão pouco sabia. Mais uma vez em retrospectiva: se fosse hoje não aceitaria, não que não tenha sido bom, foi ótimo, mas para mim, para os oficinando...não sei, realmente.

Fiz também o ZERO. Pena que peguei uma época meio fraca. Nada mais a comentar.

Também não deixo de participar do movimento estudantil. A experiência no C.A. e nas dezenas de encontros em que fui me ajudou a crescer, a olhar o curso de outra forma, a perceber que há muito mais além do nosso umbigo-UFSC. Sinto tristeza, daquela mais sentimental possível, em ver que tão poucos alunos se dão essa oportunidade. Vêm apenas uma realidade, acham-na atraente e permanecem nela sem vontade nenhuma de enxergar outros horizontes. Olhar por cima do mundinho.

Não poderia deixar de comentar que também enveredei um pouquinho para o cinema. Aulas de roteiro, histórias mirabolantes, orçamentos complicados, argumentos, storyboards. Como certamente vocês perceberão na leitura do livro as aulas de roteiro marcaram bem o meu estilo (se é que já tenho algum).

Então, essa foi a salada de frutas que fiz na universidade – teve outros temperinhos, como a página na internet, os trabalhos em comunicação visual, a viagem para a universidade solidária (onde fiz até papel de médico, odontologista, terapeuta sexual etc, etc e etc) e os dois meses de assessoria de imprensa que, aliás, me ajudaram demais quando fiz o curso Abril, pois estava muito tempo sem escrever com prazo estabelecido.

Mais entradas

Tínhamos apenas uma meia certeza, faríamos um vídeo. Digo meia certeza pois sabíamos que essa idéia não estava firmada em nossas cabeças. Nos agarramos nessa idéia para tentar sair daquele buraco de indecisão. Acho que se tivéssemos alguma opinião genial de alguém de fora do grupo nos agarraríamos a ela da mesma forma. Estávamos crus na decisão.

A Renata e a Michele amadureceram mais rápido a idéia. Eu demorei um pouco a aceitar. Talvez pela decepçãozinha que tive com o televisor, não estava seguro de que seria a melhor saída. Finalmente aceitei. É isso! Aceitei pois senti que o idéia delas era mudar. Inovar. Gostava disso. Tinha a mesma vontade. Só que, no início, fiquei com um pezinho atrás, acho que elas notavam isso.

Bem, tínhamos que decidir o tema, o formato, o estilo. Logo de início tivemos a idéia de fazer algo relacionado a alimentação. Era um super projeto. Era um super sonho. Uma viagem pela América do Sul pesquisando sobre os hábitos alimentares dos povos, a cultura dessa gente, as diferenças entre os países, as semelhanças, as curiosidades, as histórias, as imagens, os sonhos dessas pessoas que construíram um dia a dia desse mundo de meu Deus. E...viagernos nesse sonho. Chegamos a acreditar nele. Foi ótimo! Tínhamos certeza de que seria difícil. Tínhamos quase convicção de que seria impossível. Mas estávamos precisando sonhar. Era o momento para isso.


Num belo dia, não lembro mais ou menos em que época, voltamos a comentar aquela antiga idéia da alimentação relacionada a cultura. O sonho começava a tomar forma novamente. Mas agora vinha com boas doses de realidade. Já sabíamos até que ponto sonhar. Limitamos a pesquisa a
Florianópolis. Delimitamos mais ou menos os aspectos abordados (ainda não tínhamos muita noção do que poderia render). Isso aconteceu depois de julho de 98.

À partir daí começamos a pesquisar nos livros. A conversar com as pessoas. A descobrir novas abordagens para o tema. A estar mais atentos para os formatos utilizados em documentários ou programas de TV que tivessem proposta jornalística nesse mesmo estilo.

Escolhemos nossa orientadora. E isso foi um fato curioso. Nunca eu, a Renata ou a Michele tínhamos feito aula com a Agair. Só o de projetos experimentais, que estávamos cursando naquele semestre. Por que escolhemos a Agair? — cara banca, faço agora um pedido, não encarem o que vou falar de agora em diante como puxação de saco (pode usar esse palavrão no relatório)? — Estávamos inseguros, já tínhamos conversado com alguns professores do curso e não obtivemos uma aceitação muito boa da ideia, ao invés de incentivar, encontravam obstáculos, calculavam padrões, desmereciam a ideia. Mas, apesar de inseguros, estávamos convictos, seria esse projeto. Fomos conversar com a Agair e, ao invés de fechar portas, abriram-se horizontes — amplos, diversos, animadores. Por que não sonhar? Podíamos sim. Tivemos certeza disso depois da conversa-lava-alma com a nossa, agora sim, orientadora.

Foram quase dois meses nos inteirando do assunto. A Renata e a Michele, por serem manequinhas e quase manequinhos, respectivamente, tinham muito mais a acrescentar. Eu comecei cru e permaneci assim por um bom tempo, se comparado a elas. Hesitamos um pouco para a primeira saída a campo. Parecia que ainda não estávamos preparados. Ou era medo mesmo. Medo de não encontrar toda a riqueza que esperávamos encontrar. Medo de encontrar riqueza demais e não conseguir colocar tudo num vídeo. Na verdade, mesmo depois de já nos agarrarmos a este projeto e termos certeza de que seria ele, ainda estávamos desmotivados, a greve com certeza teve boa participação nisso, querendo ou não querendo, quatro meses parados cria um grande vácuo na produção.

A primeira saída a campo aconteceu no dia 23 de agosto. Estava sendo realizada a V Festa Nacional do Folclore, no Largo da Alfândega. Tivemos o primeiro contato com a história da farinha e dos engenhos. Conhecemos os pratos dos quais iríamos saber mais, muito mais, depois. Logo na primeira saída já conhecemos o beiju, a farinhada, as transformações ocorridas em Florianópolis e que foram acabando com a produção de farinha.

A insegurança quanto à riqueza do tema passou, voltamos dessa primeira saída com a certeza de que tínhamos um material extenso, promissor e muito rico para trabalhar. Desde a primeira saída fizemos relatórios logo depois de voltar da rua. Decidimos que cada um faria o seu. Cada um daria a sua visão, marcaria as suas impressões, colocaria suas observações, dariá sua cara ao relatório. Mesmo porque cada um dos três tem um estilo diferente. A Michele é mais sentimental, a Renata é mais exata e eu mais descritivo.

Estávamos prontos para as outras saídas. Elas eram feitas geralmente nos finais de semana, mas a Renata e a Michele também iam nas sextas à tarde. Eu
estava trabalhando e perdi algumas entrevistas por essa razão. As primeiras foram de descoberta, estávamos nos interando do assunto, apreciando os termos, conhecendo o solataque, pegando as manchas da entrevista e do contato com as pessoas. As outras já eram mais para confirmar informações, descobrir curiosidades, questionar sobre termos, contrapor dados e histórias.

Foi uma experiência inesquecível. Cada vez mais nós nos apaixonávamos pelo jeito meio, solidário, brincalhão ou não, tímido, prestativo, inocente dessa gente de Florianópolis. Cada entrevista era uma emoção diferente. Seja pela revolta das meninas com o Seu Valério, que não conversava com elas, acho que por serem mulheres, seja do jeito tosco-explicativo-brincalhão do Seu Ramiro, sempre voltávamos com uma impressão marcante.

Foi inesquecível também pelas horas de risada, conversas, desabaços e fofocas que passei com as meninas. Realmente muito divertido. Enfrentamos ralis nas subidas até Peri de Cima, fugimos de cães, comemos beijos duros e com gosto de poeira, enrameamos os sapatos, ficamos encabulados com o chulé causado pelo tênis molhado e muitos minutos de caminhada logo após, passeamos por Cacupé, sentamos na beira da praia para esperar um entrevistado acordar, ficamos meio tontos por causa da cachaça servida (que, é claro, tínhamos que aceitar), nos revoltamos com uma entrevistada que marcou e não nos atendeu porque ainda estava dormindo (As 11 da manhã!!!), enfim, aproveitamos ao máximo as experiências.


Nas reuniões com a Agiar fazíamos os comentários, dávamos uma visão geral de como estava correndo o projeto e recebíamos as orientações sobre novos aspectos a serem buscados, que informações teríamos que coletar ainda, que outras abordagens poderíamos utilizar na rota final do projeto para enriquecer mais as entrevistas e não ficar martelando sobre os temas que já tínhamos bons entrevistados e boas histórias.

Com um bom material em mãos, uma ideia já formada sobre abordagem, tempo e função do vídeo faltava apenas uma coisa: patrocínio. Optamos por utilizar um equipamento profissional, que produzisse imagens que teríamos orgulho de mostrar em qualquer lugar. Um projeto que não fosse feito apenas para as quatro paredes do curso. Um projeto que pudesse criar asas, que alcançasse novos horizontes, que mostrasse em outras paragens a simplicidade e as história dos manezinhas da Ilha.

Partimos para a elaboração do projeto que seria apresentado nas empresas e órgãos que poderiam dar alguma ajuda para a concretização do vídeo. Já era final de novembro. Tínhamos pouco tempo para correr atrás do dinheiro. Sabíamos que seria muito difícil pois estava em cima da hora. A meta era começar a filmar em janeiro, editar em fevereiro e apresentar em março.
Fomos em diversas empresas. Estávamos quase achando que não ia dar certo, que teríamos que fazer com os parcos equipamentos do curso, que, possivelmente, não seriam compatíveis a nossas idéias. Teríamos que aceitar esses equipamentos e nos limitar em fazer o básico, o comum, o trivial. Claro que poder-se fazer diferente com esses equipamentos, mas estávamos com a proposta tão pensada, tão planejada, que certamente ficaríamos desmotivados se tivéssemos que retroceder no processo.

Os primeiros contatos foram nada promissores. Ninguém parece ter se entusiasmado com a ideia. Pelo menos do jeito que esperávamos. Insegurança total. Será que vai dar certo? Não tínhamos como saber. Continuávamos pesquisando em livros, conversando com pessoas que já tinham escrito sobre o assunto e entrevistando as últimas pessoas. Bem, nessa época eu estava trabalhando como assessor de empresa do Senac, tinha pouquissimo tempo, visitava as empresas antes das oito pois começava as nove horas. Ia para a universidade às sete da noite, fazíamos reuniões depois das oito, nove horas. Passava por um período de decisões e indecisão. Será que vou ficar fazendo assessoria de imprensa sempre? Não que não gostasse, mas sabia que não era o que eu queria. Onde vou trabalhar? Como conseguir algum trabalho num mercado tão pequeno, tão apadrinhado, tão fechado? Será que quero chegar até na RBS ou no Diário? Será que vou ter que viver à sombra do Cacau Menezes? (querendo ou não querendo o jornalista (????) mais lido de Santa Catarina) É... muitas perguntas a serem respondidas, nenhuma certeza.

Mas o destino prega várias peças. No meu caso foi uma boa peça. Fui chamado para o Curso Abril. E isso é o assunto para o próximo prato. Se o aperitivo e as entradas foram melancólicos o prato principal vai ser uma verdadeira revolução. É o looping da vida fazendo suas manobras.
O prato principal

Finalmente vou falar do projeto que vocês receberam. Esse, estilo páginas amarelas. O Sabor de Memória, versão livro.

Pois é, fui chamado no final de novembro para o Curso Abril. Ali meu Deus, que felicidade! Era a concretização de um sonho, realmente. Lembro das vezes que passei por São Paulo e olhando para o prédio com o símbolo da Abril (depois vim saber que estava olhando para a gráfica e não para o prédio das redações) e disse: No final do curso de jornalismo eu vou estar aí... E dava risadas. Quando recebi a notícia só conseguia dizer: Ah que bom! Ah que bom! Foi maravilhoso. Ainda mais porque a Guta tinha passado em designer e a Andrea em fotografia. (E quantas vezes eu ouvi professores falando mal da "turminha" da qual elas faziam parte. E quantas vezes eu via a fotografia sendo mensuprezada no curso).

Minha cabeça, que já estava abarrotada de coisas para me preocupar agora sim ficou em parafuso. Será que salto do grupo? Mas o que vou fazer?

Já estávamos com planos de começar as filmagens só em fevereiro, justamente por causa da falta de verbas, o Curso terminaria dia 5 de fevereiro, daria para conciliar. E continuávamos a procurar patrocinadores e a discutir roteiro. Mas eu já não estava mais com a cabeça livre para esse projeto. Sabia que seria muito complicado estar lá em São Paulo (ou aqui em São Paulo, já nesse momento estou respirando uns ares nem um pouco saudáveis) e ao mesmo tempo manter contato com as meninas, que, por sua vez, estariam colocando o roteiro em dia. Mas, talvez por insegurança e medo - Bem, talvez não, com certeza era insegurança e medo - não quis cortar o vínculo, cortar o cordão umbilical que me mantinha preso a uma base que não estava sólida (até porque a situação delas também não estava estável, era ainda um tiro no escuro), mas pelo menos era mais sólida do que a base que eu teria se decidisse abandonar o nosso querido vídeo Sabor de Memória ao qual estava tão apegado, tão familiarizado, tão intimamente ligado. Continuava ligado a elas, mas começei a pensar no que talvez poderia fazer. Quem sabe bolar outro projeto. Quem sabe tirar um monte de fotos e dizer: Ti, me dêem seis! Ou quem sabe pegar todo o material que produzi quando fui assessor de imprensa do Senac e transformar tudo em um projeto.

Não, sabia que não seria assim. Isso contra todos os princípios que defendi durante o curso. Sabia que teria que fazer alguma coisa com cara de Dudu, como diziam os amigos e amigas mais chegados: Isso aí tem cara de Dudu.

Passou dezembro, chegou janeiro. Trabalhei até o dia de ir (ou vir) para Sampa. Não tínhamos nenhuma resposta de patrocinadores, nossas reuniões para a discussão de roteiro eram improdutivas. Eu, com a cabeça em outro lugar. A Renata e a Michele também, estavam trabalhando e muito desmotivadas com tudo, com algumas pessoas do curso, principalmente. "Pois é, vão terminar o curso num restaurante", até isso tivemos que ouvir.

Fui ter mais uma conversa-lava-alma com a Agair. Depois de muito pensar imaginando temas mirabolantes, projetos vapt-vupt, ideias nem um pouco fundadas, percebi que estava mais do que claro: tinha um belo material nas
mãos. Boas entrevistas, histórias interessantes, um assunto tocante, personagens extraordinários, enfim, tudo para fazer um bom projeto. Agora já sabia que seria texto.

Nos últimos semestres tive muito contato com o jornalismo literário. Sentia prazer em escrever nesse estilo. Acreditava, ao contrário do que alguns defendem, que se pode ultrapassar as fronteiras da linguagem objetiva sem, no entanto, cair para a superficialidade, ao contrário, descobri que o jornalismo literário pode ir muito mais fundo na busca dos dados e da mesma forma pode transportar muito mais informação para o papel. Com ele, além de dar as informações de forma agradável, o que é muito raro hoje em dia, você pode passar sentimentos, sensações, impressões, construir um cenário fictício que pode levar o cenário real e pode transmitir muito mais informações do que a notícia seca e dura. Ao invés de dizer que Maria, 38, empregada doméstica, foi atropelada, posso dizer que a Maria vinha a passos lardos, resultado de um dia inteiro de trabalho na casa da família Silva, dia pesado de faxina, apenas ovo e arroz no almoço, não consegui reagir quando viu o pâra brisa do ônibus jogá-la cinco metros adiante. A última imagem, a de Joãozinho, o filho mais moço, que voltada feliz da vida da escola com uma nota dez guardada com carinho na mochila sarrada.

Por essas convicções que tinha, decidi que transformaria as entrevistas, impressões e todo o material coletado em jornalismo literário. A primeira ideia que tive foi a de um romance que abocanhasse todas as ideias que fui imaginando e colocando no papel. Naquela conversa-lava-alma decidimos que esse não era o melhor caminho. Realmente seria muito complicado, primeiro porque meu tempo era meio limitado, segundo porque acho que não teria fólego para um romance. Adoro histórias curtas. São mais desafiadoras e, às vezes, dão mais resultado. A outra opção, e que prevaleceu, foi a de colocar as histórias em contos (ou crônicas?). Assim poderia viajar, dar diferentes abordagens, criar mais e, é claro, poderia escrever em drops, ou seja, quando tivesse tempo (que era ao que mais me preocupava) sentar no computador ou com um folhão de papel e desaguar tudo que vinha à cabeça. Começai a me apaixonar pelo projeto que, de certa forma, sempre esteve em minha frente, ou, pelo menos, em meu coração. Essa conversa com Agnir foi poucos dias antes de vir (ir) para São Paulo.

Na bagagem, além de muito medo de não corresponder às expectativas, além da insegurança de encará-los Paulo de frente, além do desejo de conseguir fazer o melhor, vieram os livros sobre os costumes ilhêus, já tinha lido alguns mas tinha certeza que não bastavam.

Durante o curso não tinha tempo para nada. Os livros me ajudaram a manter acesa a chama do projeto, pensava nele o tempo todo. Será que vou conseguir terminar em tempo? Será que vai dar certo? Antes de dormir, geralmente já a altura horas da madrugada (para acordar antes das oito no outro dia) dava um lida nos livros e nos relatórios, até o final do curso tinha lido três dos quatro que levei, só na base do ler e adormecer com o livro no peito (Ah! Deve ser por isso que sohii tanto com prazer aquele mês. Ou será porque estava morrendo de saudade de dar uma caída no mar?). Fui anotando tudo, todas as ideias.
Qualquer coisa. Por exemplo: O homem que sabia o ponto do beju pelo cheiro (que rendeu uma das histórias). Só isso. Mas senti que poderia fazer boas histórias.


Voltei para Flórida com decisões e indecisions pululando. Já no primeiro dia uma conversa-lava-alma (porque seria que todas as conversar que tive com minha orientadora foram assim?) Acho que porque estávamos pensando o projeto mais ou menos da mesma forma. Houve uma sintonia. Sintonia que possibilitou e me incentivou a fazer esse projeto e deixá-lo do jeito que vocês receberam). A Aplair deve ter achado que eu era meio maluco. Não tinha nenhum texto pronto. Só milhares de idéias. Já tinha uma diagramação pensada. Já sabia que iria fazer fotos de formas e texturas encontradas no interior da Ilha. Já tinha os temas pensados. Mas nada concreto. Para ela devia estar mais confuso ainda, já que ela nunca tinha lido ou visto nenhum trabalho meu. Mas estava ali. Pronto para por no papel todas as idéias. Resolvi todos os problemas relacionados a formatura. Dei um pulo no meu antigo emprego (tinha que garantir o meu futuro, caso não passasse de um mês meu período na Abril). Revi as meninas, que já estavam fazendo a decupagem do nosso projeto. Malucas que só elas. Peguei todos os relatórios, todos os livros, todas as idéias, emprestei o computador da Michele (perdi dois dias de trabalho porque o computador resolveu estragar antes mesmo de eu usar) meti tudo dentro de um táxi e fui para Meia Praia. Sozinho, isolado, coloquei todas as minhas forças no projeto. Enquanto as pessoas pulavam carnaval já fora, pulevam para a tela do computador as histórias que já estavam em minha cabeça. Ah! Na semana em que fiquei em Flórida tentei de visitar algumas comunidades e fotografar. A proposta era captar texturas e formas. Mas utilizei a máquina da universidade que impossibilitou um pouco essa idéia, pelo menos quanto as texturas. Fotografei em cromo, era a primeira vez que fazia isso. Mas já estava pensando na maneira de scannear os cromos, que poderia ser feito na Playboy. Foram dois filmes de 36 poses. Um bom material, levando em conta que as fotos viriam enriquecer o projeto.

O processo de criação foi o seguinte: reli todo o material marcando o que renderia boas histórias, reuni as idéias que já tinha, na releitura surgiram outras idéias que também foram sendo agrupadas, comecei a formar pacotes de informações, fazia ligações mirabolantes entre elas. Como juntar os perus do Seo Barbi com o Box da Madame?

Estar sozinho na praia também ajudou. Pude fazer algumas introspecções, necessárias para o processo criativo. Parece conversa de maluco, também não acreditava muito nesse papo.
Aos poucos as histórias foram tomando forma. Saiam de repente, com uma fluidez que nem eu acreditava. Foi uma semana intensa. chorava escrevendo, é verdade, me emocionava demais com o que estava colocando na tela. sentia os personagens nascerem, crescerem e até morrerem. Via neles a figura dos vinte cinco entrevistados. Coloquei coração e alma nas palavras. Acho que estava num momento especial. um momento de expectativa, de decisão (e indecisão), um momento de conquista, de realizações. — Cara banca, pode parecer piegas, como já tinha alertado no início, mas estou tentando passar tudo o que realmente estava e estou sentindo, não quero ser melodramático, de maneira alguma, mas tudo que estou colocando foi importante na construção do Sabor de Memória. É claro que não foi tempo o bastante para terminar um livro. Nem esperava que fosse. Mais consegui dar um rumo, uma cara e uma proposta para o projeto. Antes de viajar entreguei o material que já estava pronto para o meu pai fazer a primeira análise. Antes de mais nada é bom salientar que meu pai não viu o trabalho com olhos de pai mas com olhos de professor universitário do curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Correções feitas. Voltei para Florianópolis, antes de viajar, entreguei uma cópia do material pronto para a Aglair. A orientação agora seria por telefone e por e-mail.

Na primeira semana em São Paulo nem toquei no projeto. Não consegui pensar em nada além do trabalho, na Playboy. Vim de mal e euia. Sabia que dificilmente voltaria tão cedo (bem, isso é o que eu acho hoje, talvez mude de ideia logo, ou não).

Na segunda semana recebi um e-mail ennnnnnnnmmmmmmmm da Aglair dando todas orientações. O curioso é que muitas das alterações sugeridas por ela eu já tinha feito, foi muito curioso mesmo. Outras alterações foram sendo feitas de acordo com a orientação. Alguns dados checados, algumas histórias reformuladas, algumas mini-histórias feitas para complementar informações pendentes. A parte escrita estava quase tomando a forma final.

Faltava a diagramação. Aí que foi o maior problema. Ficava complicado fazer na Playboy, ainda mais depois que as fotos da Tiazinha foram roubadas e qualquer hora extra já era melo suspeita. Também achei que não seria legal profissionalmente. Não que eles não soubessem que eu ainda não tinha terminado o projeto final, fiz questão de contar logo que fui chamado, mas porque não me sentia bem ainda em usar os equipamentos à torta direito.

Resultado: um amigo do Curso Abril propôs que fizéssemos tudo em Santos. E lá fui eu num final de semana para Santos. Em dois dias bolamos a ideia, criamos uma concepção, discutimos o material e diagramamos. Parece fácil, mas foi muito complicado. O scanner dele não scanneava cromo, portanto as fotos não poderiam ser colocadas no trabalho. O texto ainda não era o definitivo, pois tinha entregado o texto para o Humberto Werneck, editor sênior da Playboy, corrigir, dar algumas opiniões e ele ainda não tinha devolvido. Foi interessante a leitura dele porque tivemos uma opinião de alguém que não conhece a realidade da ilha. Ele fez críticas bem pertinentes, muitas delas aceitadas. Só que para mudar o texto, agora já em São Paulo, foi um parto. Nenhum computador tinha a
configuração daquela utilizada para fazer o projeto gráfico. As mudanças tiveram que ser feitas no horário do meio dia no computador de alguém que eu nem sei quem é, lá mesmo, na Abril. Bem, até na hora da impressão tive dificuldades, só tinha os horários de almoço, saía correndo tratar do material que ia ser utilizado, fazer pesquisa de preços, comprar cortiça, papel cartão, papel vergê, quando tudo estava no birô e eu achê que estava quase pronto eles ligam para mim e aviam que a máquina de impressão preto e branco quebrou. Busquei todo o material e levelo para o outro lado da cidade. Ufa!

As fotos foram scanneadas na Playboy depois do expediente, recortadas à mão e coladas no originais do texto para então tudo ser xerocado.

Pronto, o trabalho estava concluído. A maratona estava quase no fim (a reta de chegada é a casa de cada um de vocês, cara banca).
Sobremesa (mulgo, conclusões)

Quanto ao texto:

Sabe, que seria necessario mas optei por não fazer glossário. Tentei explicar no próprio texto as palavras que possivelmente iriam parar lá atrás do livro e que o leitor certamente teria preguiça em ir e voltar para ver se encontrava explicação para o termo que não conhecia. Assim, seja direta ou indiretamente, a maioria dos termos regionais são explicados no decorrer do texto. Sei que às vezes pode ficar complicado, mas confio na inteligência do leitor. Também acredito que não temos que dar tudo de mão beijada, o termo não precisa ser minuciosamente descrito, já que o que importa é a função de determinado artefato, o sentido da nova palavra, o sentido do termo utilizado.

No livro, são onze histórias e onze mini-histórias.

Como pano de fundo estão os hábitos alimentares dos moradores da Ilha de Santa Catarina. Todas as informações são baseadas nos depoimentos dos vinte e cinco entrevistados, moradores do interior e do centro da Ilha. Muitos dos fatos foram confirmados pelos livros que serviram de consulta. Algumas informações também foram checadas dessa forma. Optei por dar preferência à história oral. Como explico na apresentação do livro: "Memórias por vezes difusas, nebulosas pelo tempo, confundidas pelos anos, aproximam décadas, esquecem datas, embaralham nomes e mesmo assim são mais do que ricas".

Além dos meus relatórios de saída de campo, utilizei alguns da Michele, que tem características de texto e observação diferentes das minhas, eram duas análises sobre a mesma entrevista.

As mini-histórias explicam termos ou histórias curiosas que apareceram, ou não, nos textos grandes. É um glossário diferente. Uma saída para o lugar-comum-formal.

Quanto aos títulos

Sempre tive muitas dificuldades em títulos. Todos os que tinha feito para o Sabor de Memória foram modificados um dia antes da impressão. Estavam muito didáticos: O duelo, A farinhada e assim por diante.

A Idéia surgiu de uma conversa com o Werneck. Ele sugeriu que eu utilizasse uma forma de título que eu, particularmente, gosto muito, aquela que resumir uma frase de história toda. Por exemplo: De Como Maria Casou com João, ou De Quando João Descobriu que Tia Morrer. Gostei da idéia mas ao tentar fazer achei que ela não deveria ser aplicada a esse projeto, já que algumas histórias não poderiam ser resumidas em uma frase e, se o fossem, certamente perderiam valor. Relendo os textos, percebi que cada um tinha algumas frases fortes que, de certa forma, caracterizavam o espírito de cada história. Além disso, eram frases que poderiam chamar mais a atenção do leitor: "Do meio da carne ainda quente
ela tirou os intestinos”, é impossível alguém não ficar com a pulga atrás da orelha com um título assim. Gostei muito dessa saída.

Os títulos dos mini-textos são simples propositadamente. Eles simplesmente dizem o que vai ser explicado naquele parágrafo. Isso foi o que restou da idéia do glossário.

**Quanto à diagramação**

Tinha dois tipos de textos nas mãos. Um que ocupava um grande espaço, outro minúsculo. Além disso, tinha dezenas de fotos que não necessariamente tinham relação direta com a história que estava sendo contada.

Era uma salada mista.

Optei pelo formato A4 e o uso das linhas para poder utilizar o branco como elemento e para diminuir o número de páginas, já visando a possível busca de publicação.

Com esse formato, pude colocar os textinhos sem que eles conflitasse ou fossem confundidos com os textos grandes. Da mesma maneira as fotos.

Aquele coluna nas laterais são, na verdade, um espaço além do quadrado onde o leitor sabe que está correndo o texto. Acredito que ficou clara essa idéia de separação dos dois blocos.

O bol marcando cada entrada de novo texto também foi utilizado para marcar bem os períodos de leitura.

Desde o início a idéia era fazer uma diagramação clean, não muito mirabolante, que pudesse ter o mesmo tom levemente poético dos textos. Contribuiu para isso a escolha da cortiça como o material da capa e do papel em tom creme. A fonte também foi escolhida com esse objetivo.

**Quanto às fotos**

Procurei trabalhar com texturas e formas. Sei que seria mais obvio fotografar pratos, comidas, peixes, mas não quis partir para esse lado. Optei por buscar, nas mesmas comunidades que visitei para as entrevistas, pequenos detalhes, algumas formas do dia a dia, formas que nem sempre são vistas como diferentes. Seja a da borda de um velho armário, ou do friso de um telhado e até da onde que quebra na praia ou da rede pendurada ao sol. A relação com os textos chega a quase ser íntima, imperceptível. Da mesma forma que a diagramação, as fotos procuram manter o tom poético do texto.